não é um doce deslisar pela corrente serena do ideal — mas uma subida arquejante por uma dura montanha acima. As deseseis ou vinte paginas que V. me pede, á pressa, levar-me-hiam um longo tempo a escrever — e eu teria de interromper obra que está na forja, quente e fumegando, para ir malhar outro ferro. Não sei além d'isso muito bem o que poderia dizer sobre os seus sonetos; se obedecesse ao meu impulso natural diria apenas uma palavra: isto *é docemente lindo, — e não saberia accrescentar mais nada. Para fazer um estudo sobre a Evolução Moderna da Poesia, necessitava a largueza do livro; não me bastaria o artigo.*

Os seus sonetos, para encantarem,

a complicação da minha prosa. O meu prologo seria um bocado de chumbo atado á aza d'uma linda e ligeira ave... Publique os seus sonetos sós, *e os homens de gosto ficar-lhe-hão agradecidos.*

De resto, como lhe disse, a difficuldade é V. ter pressa e eu ser um homem de inspiração tão lenta.

Creia-me, meu caro Araujo,

Seu muito dedicado

Eçà de Queiroz.

RENASCENÇA

Resurgem os hellenicos primores;
Circula um sangue ardente, que espadana;
Luthero queima altivo a Lei romana;
Cortam o espaço os gritos e os condores.

Chora, junto da flôr dos seus amores,
Miguel Angelo, essa alma sobrehumana;
Cresce o delirio da paixão insana:
Chora a Virgem na têla dos pintores.

A terra anceia de enthusiasmo e lucto.
Loyola surge. O eterno Benvenuto
Vibra o stylête, rapido, certeiro:

Colombo e Gama encontram mundos novos,
E echôa, entre a alvorada de cem povos,
O genio Lusitano aventureiro. . .

NA IGREJA DAS CHAGAS

NA IGREJA DAS CHAGAS

Visão celeste! Olhou-a, e num momento,
Elle, o famoso trovador ousado,
Sentiu como que prezo o pensamento
Áquella fronte dum palôr maguado!

Ella tremia, vendo-o, como ao vento
Treme a haste dum lirio immaculado...
Ouvia-se no templo um psalmear lento,
Ante o immovel Jesus crucificado.

Que poema de amor sereno e dôce,
Áquelle seio avelludado trouxe
Esse heroico perfil, meigo e suave?

A Santa Virgem baixa o olhar dorido,
E um suspiro revôa, enternecido,
Da austera igreja na sombria nave!

JUNTO DA BOA INFANTA

OLHANDO O TEJO

NA GRUTA DE MACAU

Extatico e solemne, esse vidente
Sente pulsar o coração vehemente,
Ao fogo que no peito se lhe ateia;

Cinge-o o clarão do genio triumphante,
E, como austera e religiosa amante,
Beija-o na fronte a Musa da epopeia!

O NAUFRAGIO

E em meio de pavôr e furia tanta,
Um peito bronzeo, heroiço, se alevanta,
Contra as ondas luctando, triumphal,

E arrancando do mar ao seio bravo,
Dum povo prestes a morrer escravo,
A sagrada legenda sepulchral.

VISÕES DO CARCERE

ETERNO AMOR

ETERNO AMOR

A Luis Murat

Barbara, a doce e timida captiva,
Que de vezes erguia o olhar nublado,
Áquella fronte vasta e pensativa,
Aquelle rosto varonil, rasgado!

Morta de amor, ella tremia viva,
Ao sopro desse amor immaculado,
Que o amor é a emanação donde deriva
O Bem, que pelo mundo anda exilado.

E emquanto o sol, a esmorecer, beijava,
Da extrema do horisonte, a pobre escrava,
Absorta e preza nesse amor bemdito,

Camões, extatico, ia soletrando
O nome da Natercia, suave e brando,
Em circulos de luz, pelo infinito...

NOITE ESCURA DE ALMA

NOITE ESCURA DE ALMA

A Léon Janssen

«— Não lhe colher o derradeiro beijo!
Não a velar, no derradeiro instante!
Bateu as azas em perenne adejo,
Voou á Eterna Região distante.

Pobre flôr! no seu palido semblante,
Como uma aspiração, como um lampejo,
Um poema chorava soluçante,
Que a morte era o seu unico desejo.

E a morte não tardou, lirio celeste,
Suavissima criança, que vieste
Illuminar-me um dia o pensamento!»

...E as nuvens desmaiavam pelo espaço,
E aquelle peito inabalavel, de aço,
Vergava, como um canaveal ao vento!

EM FRENTE DA PATRIA

Mas nesse instante — ó magua indefinivel! —
Ouve-se um grito intimo, terrivel,
E Heitor cae morto, em grandes convulsões...

— Morto! na flor das illusões mais bellas!
E as lagrymas rolavam, como estrellas,
Nas faces enrugadas de Camões...

A LEITURA DA EPOPEIA

A LEITURA DA EPOPEIA

Ao Baron Ch. de Tourtoulon

Camões lê. El-rei ouve commovido
Junto á côrte curvada e silenciosa:
. . . «Brame convulso o Adamastor vencido,
«Venus applaca Jupiter, piedosa.

«Ignez murmura o ultimo gemido,
«Passa dos Doze a ala victoriosa;
«E o velho do Rastello, espavorido,
«Conjura as naus da armada clamorosa.

São prestes a partir, aventureiras,
As impavidas hostes altaneiras,
Que a van chimera triumphal consola:

No entanto corta o espaço desolado
O «miserere» trémulo, maguado,
Da voz do Jau, a supplicar esmola...

O ROUBO DO PARNASO

O ROUBO DO PARNASO

À sr.ª D. Carolina Michaëlis

—«Urna de fundas lagrymas choradas,
«Cofre de puras graças matinaes,
«Jazigo de esperanças malogradas,
«Relicario de estrellas immortaes,

«Quem te roubou? que mãos desapiedadas,
«Levaram tanto amor e tantos ais?
«Minhas brandas canções immaculadas,
«Nunca mais heide ver-vos, nunca mais!

«*Mas quando vosso fogo allumiar*
«*O ergastulo, em que chora a dôr humana,*
«*Hade ouvir-se um unisono bradar*

«*De astros, e almas, e lirios, e boninas:*
«*— Quem é este que na harpa lusitana*
«*Abate as Musas grêgas e as latinas?*»

MATER DOLOROSA

MATER DOLOROSA

Dorme, emfim, dorme no final repouso,
Pelos beijos da Morte aurèolado,
Esse triste guerreiro desditoso,
Na mortalha da Patria, amortalhado.

Duma doce vèlhinha o vulto ancioso,
Suspira tristemente, ajoelhado
Ante esse catre ignobil, tendo ao lado
Um Christo de olhar manso e religioso.

Ella chorava trémula e curvada,
Á estancia do passado, illuminada,
Lançava ao longe os olhos da saudade...

Viu da infancia o perfume e o roseo brilho,
E as mãos beijou desse adorado filho,
Que entrava, morto, na Immortalidade!

EPILOGO

Mas vel-os-heis surgir altivamente,
Nas mãos o gladio heroico, reluzente,
Ao soar, entre os povos e as nações,

No ambiente dos Tempos, firme, erecta,
A palavra de luz desse Propheta,
O verbo gigantesco de Camões.

1884.